PLANTAS MEDICINAIS DO CERRADO: SABERES POPULARES EM ASSENTAMENTOS DO MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA (MST) NO NORTE DE MINAS GERAIS

Alice Meiry Silva Dias[1]*, Ana Paula Glinfskoi Thé[2], Alysson Rocha Pereira[3], Rubia Santos Fonseca[4]
[1] Filiação: Universidade Estadual de Montes Claros, Pós Graduação em Biodiversidade e Uso dos Recursos Naturais - PPGBURN, Montes Claros, MG.
[2] Filiação: Universidade Estadual de Montes Claros, Ciências Socias, Montes Claros, MG.
[3] Filiação: Universidade Federal de Minas Gerais, Ciências Biológicas, Montes Claros, MG.
[4] Filiação: Universidade Federal de Minas Gerais, Ciências Agrarias, Montes Claros, MG.
* alice.meiry@hotmail.com

O uso de plantas medicinais acompanha a história da humanidade, sendo parte essencial da cultura popular e da manutenção da saúde em comunidades rurais. No contexto brasileiro, os assentamentos de reforma agrária têm desempenhado papel relevante na conservação de espécies nativas e na transmissão de saberes tradicionais. Este trabalho teve como objetivo identificar e descrever espécies de uso medicinal presentes em dois assentamentos do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), localizado no norte de Minas Gerais, região de Cerrado. A pesquisa foi realizada por meio de visitas de campo do projeto de extensão "Casa da Cura: diálogos de saberes e práticas medicinais populares no cuidado da saúde humana e ambiental no Norte de Minas", iniciativa financiada pela FAPEMIG - APQ 03394-22, CEP 6.304.772 e contou com a metodologia de turnê guiada e diálogos com moradoras e integrantes do Coletivo de Mulheres do MST Flores de Pequi, que historicamente se dedicam ao cultivo e uso de plantas medicinais. Foram registradas práticas de cultivo, coleta e uso de espécies nativas, assim como as percepções locais sobre seus efeitos terapêuticos. O levantamento etnobotânico contou com registros fotográficos, anotações das finalizadas de uso, coleta e identificação científica das espécies mencionadas, buscando respeitar os princípios da ética na pesquisa com seres humanos. Entre as espécies nativas mais importantes destacaram-se o carapiá (Dorstenia cayapia), unha-danta (Leptolobium dasycarpum), alecrim-do-campo (Baccharis dracunculifolia), batata-de-purga (Dioscorea trifida), cagaita (Eugenia dysenterica), barbatimão (Stryphnodendron adstringens), tiborna (Himatanthus obovatus), sambaibinha (Davilla elliptica), pau-d'óleo (Copaifera langsdorffii), salsa-parreira (Herreria salsaparrilha), quebra-pedra (Phyllanthus niruri), chapéu-de-couro (Echinodorus macrophyllus), maracujá-do-mato (Passiflora cincinnata), mangaba (Hancornia speciosa), cajuzinho (Anacardium humile), grão-de-galo (Cordia superba), pinha-de-guará (Duguetia furfuracea), entre outras, utilizadas no tratamento de distúrbios respiratórios, processos inflamatórios, enfermidades do sistema nervoso, problemas renais e intestinais. Além de seu uso medicinal, as plantas foram reconhecidas como símbolos culturais, reforçando a identidade camponesa e a relação intrínseca com a natureza do Cerrado. A análise revelou que a utilização de plantas medicinais nos assentamentos não se restringe apenas à dimensão da saúde, mas se articulam à luta social e à soberania alimentar. O manejo dessas espécies contribui para a diversificação da produção, para a preservação da biodiversidade e para a valorização do conhecimento popular tradicional, muitas vezes transmitido pelas mulheres, que atuam como guardiãs da memória e do cuidado coletivo. Conclui-se que os assentamentos do MST constituem espaços fundamentais de preservação dos saberes populares e de práticas agroecológicas que resistem à homogeneização imposta pelo agronegócio. O fortalecimento dessas práticas se apresenta como alternativa viável para a promoção da saúde comunitária, a conservação ambiental e a construção da

autonomia camponesa. Além disso, a integração entre o conhecimento tradicional e o científico pode ampliar a valorização conservação ambiental e o reconhecimento das plantas medicinais como recurso terapêutico acessível e sustentável.

Palavras-chave: Etnobotânica. Agroecologia. Biodiversidade. Etnoconhecimento no Cerrado.